

FESTA E PERFORMANCE: DO CORPO CÊNICO NO TEMPO-ESPAÇO CARNAVALESÇO¹

Recebido em: 13/06/2017

Aceito em: 27/01/2018

*Vitor Hugo Marani*²

*Larissa Michelle Lara*³

Universidade Estadual de Londrina

Londrina – PR – Brasil

RESUMO: A pesquisa buscou analisar o corpo em sua interlocução com a máscara no Carnaval de Veneza a partir da descrição da festa e do diálogo com a Antropologia da Performance (SCHECHNER, 2006). Para tanto, foram realizadas incursões, seguindo orientações da etnografia, nos carnavais de 2013 e 2014 na referida cidade, o que permitiu a apreensão do cotidiano festivo e o contato com foliões mascarados, a partir de entrevistas e registro imagético, para a apreensão da relação entre corpo e artefato estético. Dessa interlocução deflagra-se o pensamento de que a máscara representa mais do que um artefato contemplativo, levando-o a novas experiências corporais relacionadas à criação artística e estética e à representação cênica geradas no contexto carnavalesco. Por fim, os foliões mascarados assinalam o entendimento dialético de que o corpo expressa-se como máscara assim como a máscara se expressa como extensão do corpo, criando um híbrido, expresso pela figura do corpo mascarado.

PALAVRAS CHAVE: Corpo Humano. Atividades de Lazer. Cultura.

PARTY AND PERFORMANCE: SCENIC BODY IN TIME-SPACE OF CARNIVAL

ABSTRACT: The research sought to examine the body in its dialogue with the mask at the Venice Carnival from party description and dialogue with the Anthropology of Performance (SCHECHNER, 2006). Therefore, raids were conducted following guidelines of ethnography in 2013 and 2014 carnivals in that city, which allowed the seizure of festive everyday and the contact with masked revelers from interviews and

¹ Pesquisa vinculada ao projeto Abordagens Socioculturais em Educação Física (DEF/UEM) e desenvolvida sob apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Aprovada pelo Comitê Permanente de Ética e Pesquisa em Seres Humanos/UEM, parecer nº. 548.281.

² Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Londrina. Estudante, em nível de Doutorado, junto ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM-UEL. Integrante do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (DEF-UEM-CNPq).

³ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Docente do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL – Líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (DEF-UEM-CNPq).

imagery record for the understanding of the relation between body and aesthetic artifact. This dialogue sets off to the thought that the mask is more than a contemplative artifact, leading him to new bodily experiences related to artistic creation and aesthetic and scenic representation generated in carnivalesque context. Finally, the carnival represents the understanding dialectic that the body is expressed as a mask and the mask is expressed as an extension of the body, creating a hybrid expressed by the figure of the masked body.

KEYWORDS: Human Body. Leisure Activities. Culture.

Introdução

Em diferentes tempos e espaços, o corpo configura-se em meio a processos normativos que explicitam modos próprios de existência e que representam formas culturais pelas quais dado grupo social se organiza em seu tempo de trabalho, estudo, religião, lazer ou outro. No carnaval da cidade de Veneza – palco da investigação – o corpo brincante constitui-se na sua relação com um artefato estético da cultura local italiana: a máscara⁴ carnavalesca. O corpo mascarado, ou seja, o corpo configurado pelo ato de mascarar-se assume normas consolidadas por meio de dinâmicas culturais que dão sentido às experiências estéticas festivas, o que abre possibilidades para se pensar os significados que se inscrevem na conduta dos sujeitos no carnaval.

A busca pelo uso das máscaras no festejo local representa um costume presente na atualidade, mas que possui suas raízes históricas em carnavais venezianos datados do início do século XIII (REATO, 1998). Por isso, o entendimento do corpo em sua relação com a máscara integra anseios investigativos atuais que não se constituem como algo esgotado, uma vez que, em face das transformações ocorridas na dinâmica do carnaval veneziano contemporâneo em relação ao seu surgimento, o costume de adornar-se com máscaras ainda permanece em evidência durante o período festivo, porém, em novos

⁴ Figura simbólica da linguagem cênica que transforma características daqueles que a utilizam; o que reflete o desfrute do corpo em meio ao exagero da criatividade e expressão (PAVIS, 2011a).

moldes, os quais fazem com que corpo seja realocado em sua dimensão sensível, lúdica e performática.

O corpo e a máscara no Carnaval de Veneza⁵ edificam-se em experiências que, num primeiro momento, buscam enaltecer a potencialidade daqueles que estão inseridos naquele contexto, valorizando-se o brincar, o entreter, o seduzir, a vivência do prazer e da criatividade. Desse tempo-espaço carnavalesco decorre a experiência do sagrado, do rito e da festa, pois, como observa Caillois (1990), existe uma disposição a ações que circunscrevem nova dinâmica à vida corrente, o que evidencia a tradução de expressões que se manifestam de forma diferenciada e que podem enriquecer o campo gestual dos sujeitos.

Ao pensar a festa como propulsora de experiências que contribuem com um novo instaurar cotidiano, vivido de acordo com “outra” lógica do humano, é possível perceber que a máscara pode servir como meio para acentuar tal experiência. Isso se deve pelo fato da máscara, no imaginário social, estar intimamente ligada às formas de disfarce da expressão e da identidade, fazendo com que o sujeito mascarado (por não estar com o rosto disponível às pessoas) opte por transitar por caminhos que, comumente, não conseguiria percorrer. Logo, a investigação aqui proposta traduz inquietações acerca da máscara e suas representações junto aos foliões que compõem o carnaval italiano de Veneza, personagens da festa responsáveis pela constituição da relação entre corpo e máscara, os quais contribuem para a longevidade das festividades carnavalescas venezianas.

⁵ O tema da relação corpo e máscara foi publicado na Revista *Licere* com o objetivo de analisar como foliões concebiam a máscara e como a relação corpo-máscara era construída na festa (MARANI, 2015). Naquele momento, o enfoque deu-se por meio da dimensão lúdica, amparada pelas contribuições de Roger Caillois. Nesse texto, o enfoque está na relação corpo-máscara em seu sentido cênico-performático, com teias analíticas construídas a partir dos Estudos da Performance.

O desenvolvimento metodológico do estudo, embora não pautado pela etnografia proposta por Geertz (2008), recebe algumas de suas orientações no tocante à narrativa da cultura de um determinado grupo social por meio da descrição das estruturas de significados, determinando sua base social e importância no campo investigado. Embora a cidade de Veneza não se insira como objeto de investigação delinea-se como um meio para a materialização da pesquisa, possibilitando a aproximação junto às pessoas, às situações e aos eventos que compunham o carnaval. O palco investigativo foi constituído junto às ruelas e à praça da cidade (São Marcos), espaços que traduzem o *locos* dos foliões que brincam na festa. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 28 foliões, acrescidas de observações constantes daqueles que brincavam o carnaval nos locais públicos da cidade, registradas em diário de campo e recurso imagético, o que serviu para alicerçar evidências investigativas relacionadas ao corpo e à máscara no carnaval de Veneza.

O texto estrutura-se a partir da análise do corpo em sua interlocução com a máscara no Carnaval de Veneza a partir da descrição da festa e do diálogo com a Antropologia da Performance⁶. Por isso, no primeiro momento, incursiona pelo *modus operandi* da festa contemporânea, o que convida o leitor a situar-se em meio ao tempo-espaço carnavalesco a partir das peculiaridades apreendidas junto à experiência em campo. E, por fim, atrela o diálogo com os atores sociais eleitos para a pesquisa com as contribuições dos Estudos da Performance, o que culminou na apreensão de como se

⁶ Os Estudos da Performance nascem como vertente investigativa interdisciplinar com o intuito de abarcar conceitos das Ciências Sociais, Antropologia, Filosofia, Estudos Culturais, Literatura, Dança, Música e Arte, envolvendo desde aspectos da vida diária à expressão artística. Por ela, as ações cênicas realizadas em rituais, são captadas como objeto da Antropologia. Surge da interlocução entre o diretor de teatro Richard Schechner e o antropólogo Victor Turner.

constrói e como se efetiva a relação corpo e máscara no tempo-espaço da festa carnavalesca em seu sentido cênico-performático.

Do Convite à Festa: Incursões pelo Carnaval de Veneza

As festividades venezianas, expressas pelo uso recorrente de máscaras, ocorrem desde o século XIII e, como aponta Reato (1998), realizavam-se com o intuito de atrair pessoas à cidade, bem como oferecer locais agradáveis aos viajantes que integravam o cenário veneziano. Desde seu surgimento, como retrata Burke (2002), a concentração do evento dava-se na Praça São Marcos, assim como na atualidade, porém, o carnaval estruturava-se entre o dia 26 de dezembro – dia de Santo Estevão – e a terça-feira de carnaval que antecede a Quarta-feira de Cinzas.

O corpo festivo, naquele momento, construía-se junto a bailes de máscaras, peças teatrais e manifestações livres nas ruas, nas quais a população utilizava-se de máscaras para fazer com que seus papéis sociais fossem abolidos, o que sugeria a experiência do “outro”, de novas gestualidades e expressões, compondo o corpo performático e lúdico presente no carnaval veneziano. Tal fato, como sugere Burke (2002), demonstra como as pessoas recorriam, no período anterior à quaresma, à entrega dos desejos, como se as ações vivenciadas nesse período estivessem à margem da vida corrente e, por conta disso, fossem perdoadas durante a abstinência. Percebe-se, pelo uso do artefato estético pertencente à cultura veneziana, o disfarce da identidade e a permissão à experiência lúdica como elementos característicos da festa.

Essa atribuição fez-se presente ao mascarado até o final do século XVIII, período em que os festejos e a utilização de máscaras tornaram-se proibidos por conta da ocupação do exército de Napoleão Bonaparte junto à República de Veneza

(BRESSANELLO, 2009). A proibição das máscaras nos festejos populares fez com que tal costume fosse abafado até o século XX, momento em que os mascarados voltam a ocupar as ruas da cidade, edificando a festa na contemporaneidade e atribuindo novas dinâmicas culturais à tradição veneziana.

Na atualidade, percorrer pelas ruelas de Veneza significa visualizar uma cidade que se dispõe à organização e ao cuidado de uma festa que notoriamente ocupa posição de destaque no cenário mundial por conta de sua característica particular: a folia com máscaras. Por isso, a festa procura, a cada ano, recorrer a inovações, principalmente no que toca à programação, à oferta de entretenimento e à temática do evento em geral. Tais aspectos comumente são anunciados no site oficial do evento⁷ e trazem consigo informações acerca das escolhas feitas pela organização da festa, gerida pela assessoria de produção cultural da prefeitura de Veneza.

A partir dessa dinâmica, a programação da festa organiza-se para atender os turistas por meio de lista de atividades, abarcando quase 20 dias de composições festivas, baseadas na data proposta do carnaval de cada ano. Em 2013, ano da primeira imersão no carnaval veneziano, a festa foi iniciada no dia 26 de janeiro e encerrada no dia 12 de fevereiro, apresentando como temática central as “cores”, o que buscou valorizar o efeito colorido das máscaras, situadas como ação sintética do símbolo veneziano, conforme elucida a imagem abaixo.

⁷ *Carnevale di Venezia – sito ufficiale*. Disponível em: <https://www.carnevale.venezia.it/> . Acesso em: out. 2016.

Figura 1 - Divulgação do carnaval de Veneza (2013)



Fonte: *Site oficial do evento*⁸

Já em 2014, as festividades foram iniciadas no dia 15 de fevereiro e encerradas no dia 4 de março daquele mesmo ano e propuseram a relação da festa com a natureza e com a imaginação, perspectiva proposta a partir do tema “natureza fantástica”, apresenta na imagem a seguir.

Figura 2 - Divulgação do carnaval de Veneza (2014)



Fonte: *Site oficial do evento*⁹

Entretanto, mesmo com mudanças temáticas no corpo da festa, a dinâmica procura atender a um formato padrão, o que implica pensar numa grande festa a céu aberto na Praça São Marcos, edificada principalmente pela construção de um grande palco, no qual as apresentações artísticas ocorrem e contam com diversas expressões

⁸ Disponível em: <http://2013.carnevale.venezia.it/>. Acesso em: jun. 2017.

⁹ Disponível em: <http://2014.carnevale.venezia.it/>. Acesso em: jun. 2017.

artísticas. Tais atividades são ofertadas com o objetivo de atrair o público à praça e oportunizar experiências ligadas ao carnaval veneziano, a exemplo de conto de histórias, demonstração e competição de máscaras e apresentação de manifestações corporais compostas por danças, teatro, circo e outros.

Diferente do imaginário social que comumente é dissipado no carnaval, a festa veneziana não se preocupa com música alta, sujeitos dançantes ou blocos que passam pelas ruas. A atenção recai nos sujeitos que se preocupam em vestir traje e máscara, realizando singelos desfiles pela Praça, com o intuito de consagrarem a exposição de suas vestimentas. Estas, por sua vez, comumente, auxiliam na construção de novas gestualidades, o que marca cada corpo de forma singular, tendo como plano de fundo as imagens da cidade. Tais constatações são advindas de observações registradas nas imagens trazidas nesse artigo, organizadas na Figura 1, as quais vão ao encontro da descrição feita a respeito da relação entre corpos, máscaras e espaços da cidade.

Figura 3 - Jogo cênico dos foliões junto aos monumentos da cidade.



Fonte: acervo dos pesquisadores

A união entre monumentos – a Torre, o Palácio Ducal, a Ponte dos Suspiros, a Igreja São Marcos e as gôndolas dispostas no cais – e corpos mascarados transmitia aos que observavam uma espécie de jogo cênico, no qual corpos brincavam com a própria cidade. Esse brincar dava-se a partir de criações e composições que visavam, entre outros aspectos, provocar a atenção do público por meio do entretenimento composto pela atuação do mascarado em meio às imagens cenográficas. Tal movimento, acrescido das fotografias feitas pelos observadores, resultava, na maioria das vezes, maior entrega à máscara e à personagem que ela evocava, compondo figuras que levavam os espectadores a outros contextos.

É possível atentar-se ao corpo que emerge de uma lógica dramática, pautado em expressões voltadas à representação da arte teatral, o que traduz experiências corporais aparentemente diversas das vivenciadas no cotidiano. Com elas, corpos mascarados experimentavam novas formas de movimento e interpretação. Ainda, elucidavam como a máscara oferece ao corpo potencialidade de anonimato, uma vez que o traje completo não possibilitava o reconhecimento de características que poderiam denunciar a real identidade do folião.

A fonte imagética também aponta para uma cena comumente encontrada no carnaval veneziano. Ao observá-la é possível atentar-se à figura do turista que fotografa a composição dos foliões mascarados em meio a sua performance. Tal ação também sugere que as lentes das máquinas fotográficas são entendidas como olhares lançados aos foliões, o que, como visto anteriormente, gera afirmações de seu corpo, fruto da máscara e do figurino que o compõe. Esse fenômeno faz com que a Praça São Marcos seja tomada por uma multidão que busca, em sua maioria, a apreciação do ritual carnavalesco, o que gera um carnaval pautado numa experiência por meio do “outro”. A

presença dos turistas também se faz importante, mesmo que eles não estejam mascarados, pois ela ajuda a construir o jogo lúdico de representações do folião, o qual se deflagra entre ator e espectador, observado e observador.

Discorrer acerca da manifestação do corpo e da máscara no carnaval a partir das observações realizadas evidencia um campo fértil para novas descobertas de como a relação entre essas dimensões se efetiva na festa veneziana. No carnaval veneziano, a capacidade da máscara de despertar potencialidades do corpo em seu outro modo, a partir de vivências que exploram a ludicidade, a atuação cênica por meio da representação de personagens, manifesta-se de forma evidente.

A máscara pode ser visualizada como condutora de manifestações e habilidades que se encontram registradas nos corpos brincantes, o que demarca seu papel inspirador no uso da criatividade, capaz de fazer com que os foliões vejam e sejam vistos a partir de diferentes perspectivas. Por isso a necessidade da investigação junto aos foliões mascarados, a fim de verificar como concebem a máscara e como dela se apropriam, explorando as diferentes perspectivas e significados que o corpo assume junto a ela, o que contribui com o brincar dos foliões na especificidade investigada. Para tanto, diálogos¹⁰ foram estabelecidos com os foliões inseridos no contexto carnavalesco, seja por meio do depoimento oral gravado que posteriormente fora transcrito, seja por meio das observações registradas em diário de campo e de fotografias que expressam o sentido lúdico-performático das práticas corporais circunscritas no tempo-espaco carnavalesco.

¹⁰ A interlocução com 28 foliões deu-se a partir do convite para a realização de entrevistas com roteiro semiestruturado e assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após o aceite houve a realização das entrevistas que, após serem gravadas, foram transcritas, momento em que cada folião recebeu codificações a partir da letra “F”, sendo numerados sequencialmente. A escolha desse quantitativo de foliões foi realizada de forma aleatória, seguindo critérios mínimos de seleção, a exemplo de estar trajado com máscara e figurino que fizessem referência ao carnaval veneziano; comunicar-se em italiano, inglês ou português; e, por fim, disponibilidade em meio à festa.

Corpo, Máscara e Performance: O Carnaval como Espaço Cênico¹¹

O corpo e a máscara, visualizados a partir dos Estudos da Performance, sugerem pensar a localização espaço-temporal em que se manifestam, ou seja, o carnaval veneziano como grande palco teatral no qual as ações dos foliões dão-se numa linha limítrofe entre arte, ritual e vida. Nesse ponto de encontro, a performance – como investigação que arremata o teatro à antropologia – busca a compreensão de que tais categorias não são distantes, mas próximas e interligadas. Daí a reflexão entre o carnaval e o teatro, sendo que cada ação, ou melhor, cada performance, deve receber sua análise a partir do contexto cultural ao qual faz parte (SCHECHNER, 2006). Por isso, a ideia de que as ações recorrentes no carnaval podem ser analisadas à luz dos estudos da performance, uma vez que ocorrem de maneira ritualizada, integram dada tradição e contêm sentidos e significados.

Compreender as relações entre corpo e máscara a partir dos Estudos da Performance implica pensar tais temáticas por meio de viés investigativo cujo foco está em ações, sejam elas individuais ou coletivas, que assinalam identidades, alteram a noção espaço-temporal, remodelam e adornam o corpo, e, como descreve Schechner (2006), narram estórias. Essa compreensão instaura a visualização do corpo-máscara – relação manifestada no carnaval de Veneza – como ação ritualizada, em que os foliões atribuem excelência aos seus comportamentos a fim de colocá-los em exibição, bem como tornar vivos objetos estéticos por meio do corpo.

¹¹ As informações presentes neste tópico decorrem de eixo temático produzido na análise das entrevistas transcritas, advindas da leitura detalhada de todo o material transcrito, da identificação de palavras e conjuntos de palavras que tivessem sentido para a pesquisa. Pela leitura, buscou-se sintetizar os dados de maneira a unir os eixos temáticos que tivessem afinidade, o que culminou na apreensão da relação corpo e máscara a partir da performance relatada pelos foliões mascarados.

Nessa direção, alguns dos mascarados entrevistados¹² apontaram para a máscara como objeto estético que transcende a mera ideia de peça inanimada, versando a respeito da atribuição de vida e alma à máscara, o que sugere pensar nas ações do folião como sujeito responsável por tal atuação. Essa atuação dava-se, em alguns momentos, pela composição performática do mascarado a partir de personagens, conduzida por cenas que buscavam reconstruir o período histórico vivido por essa personagem e integrar a atmosfera dos séculos XVII e XVIII, período em que os mascarados estavam em evidência na República de Veneza.

A entrega do corpo à máscara confirma a experiência do mascarado em suspender-se da vida cotidiana e, por isso, vivenciar dinâmicas temporais e espaciais diferentes das que comumente está habituado. Reforçando essa ideia, encontram-se falas que se relacionam ao regresso temporal evidenciado por alguns foliões, as quais relatam a vivência de outro período (que se difere do tempo presente), o que conota pensar suas ações pautadas em normas e regras estabelecidas no período histórico apontado por eles. Tais constatações podem ser evidenciadas pelo Quadro 1, no qual estão dispostas as falas dos foliões que apontam para o corpo como ponte para vivenciar a máscara em seu sentido performático, contemplando as ideias descritas anteriormente.

¹² Refiro-me aqui a 28 mascarados entrevistados na pesquisa.

Quadro 1 – Dimensão performática: vivência da máscara

O CORPO EM PERFORMANCE
São sempre máscaras que têm alguma coisa. São máscaras para se viver, e não somente peças de papel; têm alma, sobretudo aqui em Veneza (F1, 2013, tradução nossa).
Eu gosto de viver a máscara, dar uma alma a ela e não só usar o traje (F3, 2013, tradução nossa).
Eu acredito que se entra num personagem e assim você fica fora dessa realidade. Depois, Veneza é um ambiente propício para lhe fazer sonhar (F4, 2013, tradução nossa).
Quando está vestido com a máscara de 1700... Veneza é uma cidade histórica, então, volta atrás no tempo. Você precisa experimentar! (F1, 2013, tradução nossa).
Então, quando eu visto a máscara de 1700 eu não vivo em 2014, mas eu vivo em 1700 (F11, 2013, tradução nossa).
Ser aquilo que é passado; passado, assim, para revivê-lo, vestindo-se como se vestiam há tantos anos, ou seja, reviver o passado, tudo que se relaciona a isso (F18, 2014, tradução nossa).
Muitas pessoas vêm para cá e colocam a máscara em seu rosto; vivem as pessoas do passado, no qual as pessoas podiam se tornar pobres e os pobres podiam ser ricos, juntar-se (F24, 2014, tradução nossa).

Fonte: Excertos das entrevistas realizadas com os foliões mascarados (MARANI, 2015).

A ideia desenvolvida pelos foliões retrata o instaurar de outra realidade, em que o corpo em performance, baseado na relação com as máscaras, desfruta de experiências que sintetizam representações e o imaginário social daqueles que brincam. Essa realidade, baseada no pensamento de Schechner (2011a), estrutura-se na relação com o “não ordinário”, estabelecida a partir de casos especiais, como por exemplo, a festa. Nela, performances ocorrem em espaços que fomentam a constituição de apresentações e explora o uso de figurinos e máscaras a partir de manifestações improvisadas, o que contribui com a suspensão espaço-temporal.

Essa suspensão, criada pela representação de personagens e pela atribuição de vida à máscara, atua nas entrelinhas do negativo e do duplo negativo. Nos dizeres de Schechner (2011a), isso quer dizer que, durante a atuação, os sujeitos livram-se de si mesmos e, ao mesmo tempo, destituem-se daquilo que representam. Por isso, ao mesmo tempo em que o mascarado é a personagem, ele também não deixa de ser ele mesmo: a atuação está entre a negação de ser o outro e a negação de não ser o outro. A ideia aqui é pensar que os mascarados venezianos realizam suas performances a partir de ações que são resultantes da inter-relação da identidade do corpo e da identidade da máscara,

fazendo com que, mesmo com a vivência da máscara, ainda exista um corpo presente, sobretudo, um corpo responsável por suas ações. Essa experiência baseia-se na permissividade da atuação entre duas identidades, o que resulta num processo conhecido como “liminaridade”, no qual o sujeito performático atua no limite entre dois estados de consciência (TURNER, 1974).

A característica de assumir e expressar diversas identidades de maneira simultânea é apontada por Schechner (2011b) como algo único entre os seres humanos, o que estende possibilidades para, a partir dessas representações, conectar temporariamente um “outro mundo” ao mundo humano. Esse ponto de encontro, como evidencia Schechner (2011b), constitui-se por meio do consentimento e da entrega daquele que realiza a performance, e ocorre da mesma maneira em diferentes situações como, por exemplo, em rituais de transe, interpretação de papéis numa peça e uso de máscara.

Corpo e máscara conectam dois estados da experiência: o reino da existência de objetos e humanos e o reino da existência do mito e das personagens. É nesse ponto que a consciência performática se sobressai como dona de escolhas, transitando entre a identidade do sujeito que interpreta e a identidade da personagem, o que disponibiliza alternativas para aquele que dispõe da performance. A partir dessa construção, repousa a beleza do ato de performar. É nesse momento que mascarados se expressam a partir da inter-relação corpo e objeto estético, retratando seus sentimentos, suas emoções e seu conhecimento acerca daquilo que se propõe a encenar. Nessa configuração, o folião entrega-se à fé cênica, explicada por Stanislavski (2011) como a capacidade do ator em acreditar na ficção que propõe, obtendo, com isso, o convencimento do espectador que o assiste, o que leva a figurar aquela ficção como realidade para seu personagem.

Da performance, cria-se um dos momentos que se sobressai no carnaval veneziano: a exibição das composições dos mascarados na Praça São Marcos. Tal exibição é caracterizada pela atuação cênica dos mascarados junto aos monumentos da cidade e aos turistas que se dispõem a brincar com eles. Nesse ato, os mascarados sabem que estão jogando com as câmeras e com o público que os assiste, demarcando, a todo o momento, o ensejo em sobressair-se em meio à multidão, o que os leva à posição de personagens centrais da festa, ou seja, ao protagonismo festivo.

O Quadro 2 traz falas de foliões que se referem à máscara como forma de potencializar a atenção dos espectadores durante o carnaval veneziano, fazendo com que seja despertada nos mascarados uma sensação única.

Quadro 2 – Dimensão performática: exibição da máscara

CORPO EM PERFORMANCE
Você é o centro das atenções, você prende a atenção das pessoas, mas não se sabe o porquê (F4, 2013, tradução nossa).
Sente uma maravilhosa euforia; sente-se participante principal da festa. É outro modo de experimentar a vida; é uma sensação maravilhosa (F6, 2013, tradução nossa).
Então, há uma sensação: nós somos pessoas normalmente comuns, porém, quando se coloca a máscara é como se estivesse caminhando sobre o tapete vermelho, ou seja, todos te olham, você é o centro das atenções (F10, 2013, tradução nossa).
Fonte: Excertos das entrevistas realizadas com os foliões mascarados (MARANI, 2015).

As informações presentes no Quadro 2 revelam aspectos que estão relacionados à exibição que os foliões pretendem exercer para os turistas participantes do carnaval. É possível notar que os foliões sentem-se eufóricos com a posição que ocupam mediante o uso das máscaras, uma vez que elas possibilitam a composição de suas performances e o alcance do protagonismo na festa. Tal protagonismo está relacionado, como discorrem os foliões, à atenção dispendida pelos sujeitos que os observam, fazendo que com os olhares estejam sempre a acompanhá-los, como se estivessem num “tapete vermelho”, como relata um dos entrevistados.

O protagonismo ganha escopo por meio das performances que, de modo ou de outro, buscam entreter. Para Schechner (2011a), o entretenimento diz respeito a algo que seja produzido para agradar um determinado público e, por isso, a maioria das ações se esforça, em um grau ou em outro, para produzir tal circunstância, para produzir um prazer estético. Ainda, esse entretenimento busca, a partir das palavras de Cavalcanti (2006), a produção de determinados efeitos nos espectadores que assistem e, comumente, por conta desses efeitos, ficam maravilhados com a cena transmitida.

A dependência da plateia para com a performance é assinalada por Schechner (2011b) como um elemento de grande notoriedade, imprescindível para essa encenação, o que faz com que o ato cênico esteja sempre ligado ao público, ou seja, aos espectadores que o apreciam. Segundo o autor, a força performática está na relação íntima entre os sujeitos que realizam a performance e aqueles que são alvo dela – no caso do carnaval, entre os mascarados e aqueles que apreciam a festa.

Pensar na Praça São Marcos como um grande palco é lembrar que é nela que a maioria das performances ocorre, captando um elevado número de turistas que assistem a todo o espetáculo. Daí entender, sob a luz do pensamento de Schechner (2011a) acerca do palco, que a Praça pode ser considerada um local para além do espaço físico, pois inclui tempos, espaços, espectadores e performers. É possível observá-la como transmissora de uma força centrípeta que absorve todas as ações que nela acontecem ou próximas a ela. Essa absorção, como descreve o estudioso teatral, refere-se ao elemento principal entre o processo performático e o processo ritualístico.

Talvez, por isso, na atualidade, seja difícil imaginar a performance dos mascarados desacompanhada de *flashes* e câmeras. Junto a isso, está o fato de que o mascarado prepara-se para o cortejo dos turistas e das lentes dos fotógrafos, os quais

estão sempre prontos para a captação de belas ou inusitadas imagens. Assim, destaca-se que os próprios turistas, ávidos para o registro desses momentos, acabam compondo a cena junto com os mascarados performáticos e aqueles que registram profissionalmente a festa. Quem assiste à festa vê a composição como parte de um todo festivo.

O corpo mascarado, nesse contexto, pode ser pensado como algo que surge a partir de experiências que se desenvolvem mediante as ações vividas antes e durante o momento do carnaval. O período que antecede a festa, captado por momentos de criação, pode ser caracterizado pela escolha da máscara, do traje e das cores que, a princípio, sugerem ao folião determinada gestualidade e expressão, delineadas por suas escolhas. Porém, quando se está brincando o carnaval, pode ser que sua performance mude, uma vez que as situações vivenciadas ocorrem de forma espontânea e não somente de maneira programada. Daí pensar que o espetáculo, constituído pelo corpo no carnaval de Veneza, não é realizado apenas pelas características cênicas da máscara que o folião endossa, mas é produzido em meio aos encontros dessa máscara e aos diálogos produzidos por ela, repletos de história, sentidos e significados, a exemplo da experiência vivida na Praça São Marcos, na qual estavam presentes turistas a observar, a registrar e a brincar nesse tempo e espaço, não livre de interferências.

Considerações Finais

O interesse central da pesquisa esteve voltado a análise do corpo em sua interlocução com a máscara no Carnaval de Veneza a partir da descrição da festa e do diálogo com a antropologia da performance. Tal anseio investigativo possibilitou identificar a máscara como elemento multifacetário, capaz de evocar o brincar de corpos por meio do entretenimento, da sedução e da representação, bem como pela construção

estética dos sujeitos como personagens principais da festa, o que atribui vigor ao cenário nostálgico da cidade.

Todavia, a compreensão da relação entre corpo e máscara no contexto carnavalesco apresentado exige cautela e traduz apreensões que fogem à lógica que habitualmente estamos acostumados, pois ela traduz ações que não podem ser compreendidas sob a ótica pragmática e utilitarista. Tal relação, de um modo ou outro, contribui para conciliar os sujeitos com seu próprio universo, o que fomenta pontos de encontro e, talvez, desencontros entre corpo e mundo objetivo, mas que tem sua importância no desenrolar da vida.

Ao acentuar a experiência do corpo na festa veneziana, a máscara leva os foliões a transcenderem o seu entendimento desse artefato como objeto estático e inanimado, o que contribui para que o corpo direcione-se à metamorfose criada pela atmosfera da festa. Assim como observado em estudo de Debortoli e Costa (2016), existem experiências significativas e substanciais que permeiam as relações entre sujeitos e objetos advindos do tempo-espaço da festa, o que contribui para a construção do patrimônio cultural da própria prática festiva e perpassa os momentos ritualísticos que nela se desenvolvem.

Pensar o corpo mascarado que brinca o carnaval significa refleti-lo em ideias que, embora nem sempre inspirem novidade, merecem, no mínimo, atenção. A partir do ato de mascarar-se, o corpo revela-se a partir de seu sentido espontâneo e performático, respondendo a esses estímulos em diferentes situações propostas, (re) inventando significados e, com isso, produzindo novos sentidos. Reconhecer o corpo a partir de sua multiplicidade e capacidade de atribuir potência à comunicação sensível do humano fez

com que novas visualizações acerca da relação corpo e máscara se tornassem possíveis e, mais que isso, compreendidas a partir da lógica instaurada no carnaval veneziano.

Se a premissa inicial pressupunha ser possível a visualização do corpo e da máscara de maneira dissociada, a investigação em campo demonstrou sua fragilidade, ao menos no que se refere ao carnaval veneziano. Emerge dessa relação à figura do mascarado que, em sua expressão, recorre à unicidade entre tais dimensões, apontando para a compreensão de que corpo e máscara não podem ser visualizados sozinhos, ou seja, representam a interlocução proposta pelo carnaval local e, mais que isso, revelam que só podem ser compreendidos a partir dessa relação. Logo, no carnaval de Veneza, olhar para o corpo implica olhar para a máscara, bem como olhar para a máscara remete a olhar para o corpo que a assume; do contrário, pode-se pôr em risco os aspectos de inter-relação que envolvem essa experiência estética e que são essenciais para a compreensão da festa.

Por fim, visualiza-se, pela pesquisa, o corpo que busca, na atualidade, maneiras de permitir-se à vivência do lúdico e da arte como uma maneira de livrar-se das ações repetitivas de seu cotidiano, o que denota um campo fértil para se pensar novas descobertas e descrições, necessárias à longevidade do corpo em sua relação com a máscara. Tais configurações não se dão desprovidas das tensões constitutivas entre sensível e racional, normativo e transgressivo, lúdico e disciplinado, o que abre espaços para que os sujeitos, na condição de protagonistas, possam buscar a mediação orientadora das suas práticas corporais, transcendendo a racionalidade posta como instrumental rumo à construção de outra racionalidade possibilitada pela compreensão desse artefato mítico e estético-expressivo tornado vivo pela experiência do corpo.

REFERÊNCIAS

BURKE, P. O carnaval de Veneza. In: CUNHA, M. C. P. (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas**. Campinas: Ed. Unicamp, 2002.

BRESSANELLO, A. **Il carnevale in età moderna: 30 anni di carnevale a Venezia 1980 – 2010**. Veneza: Studio LT2, 2009.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Lisboa: Cotovia, 1990.

CAVALCANTI, M. L. V. de C. As alegorias no carnaval carioca: visualidade espetacular e narrativa ritual. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 17-27, 2006. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12617/9795>> Acesso em: 25 out. 2016.

DEBORTOLI, J. A. O.; COSTA, K. T. O. O tornar-se Arturo revelado na festa de Nossa Senhora do Rosário: saberes e práticas compartilhados nos entrelaçamentos cotidianos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, 809-820, jul./set. de 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/57389/38851> Acesso em: 26 out. 2016.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

PAVIS, P. **Dicionário de teatro**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011a.

MARANI, V. H. **O corpo e a máscara no carnaval de Veneza**. 2015. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

REATO, D. **Venezia: una città in maschera**. Veneza: Fillipi Editore Venezia, 1998.

SCHECHNER, R. **Performance Studies: an introduction**. 2. ed. New York & Londres: Routledge, 2006.

_____. Performers e espectadores: transportados e transformados. **Moringa – Artes do Espetáculo**. v. 2, n. 1, p. 155 - 185, jan./jun. 2011a. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/moringa/article/view/9993/5473>> Acesso em: 22 out. 2016.

_____. Pontos de Contato entre o Pensamento Antropológico e o Teatral. **Cadernos de Campo**, n. 20, p. 213 - 236. 2011b. Disponível em: <www.journals.usp.br/cadernosdecampo/article/download/36807/39529> Acesso em: 22 out. 2016.

STANISLAVSKI, K. **A preparação do ator**. 28. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

TURNER, V. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

Endereço dos Autores:

Vitor Hugo Marani

Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Universitário do Araguaia

Avenida Universitária, 3.500, Bloco Ed. Física, Sala 04

Pontal do Araguaia – MT – 78.698-000

Endereço Eletrônico: vitorhmarani@gmail.com

Larissa Michelle Lara

Universidade Estadual de Maringá

Avenida Colombo, 5790, Bloco 06, Sala 12 – Jardim Universitário

Maringá – PR – 87.020-900

Endereço Eletrônico: lmlara@hotmail.com